

**LEITURA DRAMATIZADA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA
FORMAÇÃO MÉDICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DA PEÇA OS
TRÊS MÉDICOS, DE MARTINS PENA**

**DRAMATIZED READING AS A PEDAGOGICAL STRATEGY IN MEDICAL
EDUCATION: AN EXPERIENCE REPORT BASED ON MARTINS PENA'S
PLAY THE THREE DOCTORS**

Deborah da Cruz Pinheiro¹; Anna Paula Soares Lemos²

¹ Acadêmica de Medicina, Afya Unigranrio, campus Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil.

² Docente da disciplina Literatura e Arte na Comunicação Médica, Afya Unigranrio, campus Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil. Professora Adjunta PPGHCA Afya Unigranrio.

E-mail: anna.lemos@afya.com.br

Eixo Temático: 6

RESUMO

A formação médica tradicional, centrada na dimensão biológica do adoecer, tem se mostrado insuficiente para preparar profissionais sensíveis às dimensões humana, social e ética do cuidado, o que justifica a incorporação de estratégias pedagógicas baseadas nas artes, como o teatro, aos currículos de saúde. Nesta medida, esta comunicação objetiva relatar a experiência vivenciada por uma acadêmica de Medicina, na condição de espectadora, durante a leitura dramatizada da peça Os Três Médicos, de Martins Pena, realizada na disciplina Literatura e Arte na Comunicação Médica. Metodologicamente, trata-se de um relato de experiência descritivo, de abordagem qualitativa, construído a partir da observação da atividade e da reflexão crítica sobre seus efeitos na formação médica. O texto dramático, ambientado no Rio de Janeiro oitocentista, trata em forma de comédia, a rivalidade entre a alopatia, a homeopatia e a hidropatia, permitindo à plateia identificar posturas paternalistas, disputas de vaidade profissional e a ausência de escuta ao paciente, contrapostas aos princípios contemporâneos do cuidado centrado na pessoa e à Política Nacional de Humanização do SUS. A observação da atuação dos colegas, incluindo a inversão de papéis de gênero, favoreceu o exercício da empatia e da alteridade. A experiência reafirma o potencial das artes cênicas como ferramenta de humanização na educação médica, estimulando a reflexão crítica sobre modelos de cuidado e sobre a relação médico-paciente.

Palavras-chave: Educação Médica; Medicina Narrativa; Humanização da Assistência.

ABSTRACT

Traditional medical education, centered on the biological dimension of illness, has proven insufficient to prepare professionals who are sensitive to the human, social, and ethical dimensions of care, thus supporting the incorporation of pedagogical strategies based on the arts, such as theater, into health curricula. In this context, this paper aims to report the experience of a medical student, as a spectator, during a staged reading of the play *Os Três Médicos* (*The Three Doctors*), by Martins Pena, conducted as part of the course *Literature and Art in Medical Communication*. Methodologically, this is a descriptive experience report with a qualitative approach, based on observation of the activity and critical reflection on its effects on medical education. The play, set in nineteenth-century Rio de Janeiro, presents in comic form the rivalry among allopathic, homeopathic, and hydropathic medicine, allowing the audience to identify paternalistic attitudes, professional vanity and disputes, and the lack of patient listening, in contrast to contemporary principles of person-centered care and Brazil's National Humanization Policy of the Unified Health System (SUS). Observing the performance of fellow students, including the inversion of gender roles, fostered the exercise of empathy and otherness. This experience reinforces the potential of the performing arts as a tool for humanization in medical education, encouraging critical reflection on models of care and on the doctor-patient relationship.

Keywords: Medical Education; Narrative Medicine; Humanization of Healthcare.

INTRODUÇÃO

O ensino médico tem sido historicamente estruturado em torno do domínio técnico-científico, muitas vezes em detrimento da formação humanística do estudante. Já em 1977, o médico George Engel questionava a suficiência do modelo biomédico vigente, propondo um modelo biopsicossocial que reconhecesse as dimensões psicológica e social do adoecimento como parte constitutiva, e não acessória, da prática clínica¹. Nas últimas décadas, esse questionamento tem se traduzido em um reconhecimento crescente de que a competência clínica não se sustenta apenas em conhecimentos biomédicos, mas depende também da capacidade do futuro médico de escutar, de se colocar no lugar do outro e de compreender o adoecimento como experiência singular e situada. Nesse contexto, as humanidades médicas e, em particular, as artes cênicas, vêm sendo incorporadas como recursos pedagógicos complementares aos métodos tradicionais de ensino.

Nessa perspectiva, a medicina narrativa, campo consolidado pela médica e pesquisadora estadunidense Rita Charon, oferece um arcabouço teórico relevante para compreender o valor formativo de atividades como a leitura dramatizada. Charon propõe o conceito de competência narrativa como a capacidade do profissional de reconhecer, absorver,

interpretar e deixar-se afetar pelas histórias de adoecimento dos pacientes, defendendo que essa competência é tão necessária à boa prática médica quanto o domínio técnico-científico². Para a autora, o exercício sistemático da leitura atenta e da escrita reflexiva aproxima o médico de quatro relações centrais da prática clínica, com o paciente, consigo mesmo, com os colegas e com a sociedade, contribuindo para uma medicina mais empática, ética e confiável².

O teatro, especificamente, tem se consolidado como estratégia ativa de ensino-aprendizagem em cursos da área da saúde, favorecendo o desenvolvimento de habilidades de comunicação, o trabalho em equipe e a reflexão crítica sobre situações clínicas e éticas complexas³. Ao vivenciar, seja como atuante, seja como espectador, a reconstrução dramática de relações de cuidado, o estudante é convidado a sair de uma posição passiva de mero receptor de conteúdos e a se implicar afetiva e cognitivamente com aquilo que observa, o que amplia a compreensão da prática médica para além do modelo biomédico tradicional⁴.

Foi nesse cenário que, na disciplina Literatura e Arte na Comunicação Médica, os discentes realizaram a leitura dramatizada da comédia de costumes *Os Três Médicos*, de Martins Pena⁵, escrita em meados do século XIX. A obra, ambientada no Rio de Janeiro de 1845, satiriza a disputa entre três correntes médicas então vigentes: a alopatia, a homeopatia e a hidropatia, representadas pelos personagens Dr. Cautério, Dr. Miléssimo e Dr. Aquoso, respectivamente. Por meio do humor, o texto expõe posturas paternalistas, o corporativismo entre profissionais e a fragilidade de um cuidado centrado mais nas convicções do médico do que nas necessidades do paciente, questões que, guardadas as devidas proporções históricas, permanecem atuais e pertinentes à formação médica contemporânea.

O presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência vivida por uma acadêmica de Medicina que participou da atividade na condição de espectadora, buscando refletir sobre as contribuições dessa vivência estética para sua formação como futura profissional de saúde.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A atividade foi conduzida na disciplina Literatura e Arte na Comunicação Médica, sob orientação docente, com o objetivo de aproximar os estudantes de Medicina de conteúdos literários que dialogam com a prática profissional. Os discentes foram divididos entre os papéis da peça e realizaram a leitura dramatizada em sala, caracterizando vozes, gestos e intenções dos personagens diante dos colegas, que assistiam como plateia.

Como espectadora, foi possível acompanhar de perto o envolvimento dos colegas atuantes, que se apropriaram de seus personagens com desenvoltura, dando vida às falas e às disputas cômicas entre os três médicos da trama. Chamou a atenção o fato de que alguns papéis masculinos foram interpretados por colegas do gênero feminino, sem que isso compromettesse a compreensão da narrativa; ao contrário, essa inversão evidenciou, pela perspectiva de quem assistia, como relações de poder e autoridade retratadas na peça atravessam também marcadores sociais de gênero, tema que se soma à crítica que a obra já propõe às hierarquias da medicina do período.

Ao longo da leitura, observou-se como cada um dos três médicos, o alopata Dr. Cautério, o homeopata Dr. Miléssimo e o hidropata Dr. Aquoso, defendia seu próprio sistema terapêutico como o único válido, desqualificando os demais e disputando entre si a autoridade sobre o corpo do paciente. Essa disputa, tratada pelo autor com ironia, foi percebida pela plateia como uma crítica contundente a posturas paternalistas e corporativistas que, ainda hoje, podem se manifestar na relação entre profissionais de saúde e destes com os pacientes, quando prevalece a convicção pessoal do médico em detrimento da escuta e da construção compartilhada do cuidado.

Assistir, e não apenas atuar, revelou-se uma posição de observação privilegiada: livre da preocupação com a própria performance, foi possível concentrar a atenção nas nuances da interpretação dos colegas, nas reações do restante da plateia e nos próprios sentimentos suscitados pela trama, o que favoreceu um exercício mais deliberado de reflexão crítica sobre o conteúdo apresentado.

A vivência da leitura dramatizada, mesmo na condição de espectadora, mobilizou reflexões relevantes para a formação médica. Em primeiro lugar, a comédia de Martins Pena, ao satirizar a rivalidade entre alopatas, homeopatas e hidropatas, permite discutir, por analogia, os riscos do corporativismo e da fragmentação do cuidado em saúde na atualidade, quando diferentes especialidades ou abordagens terapêuticas disputam prioridade sem articulação centrada no paciente. A plateia pôde perceber, no exagero cômico dos três médicos, um alerta sobre a importância do diálogo interprofissional e da humildade científica diante da incerteza inerente à prática clínica.

Em segundo lugar, o caráter paternalista atribuído aos médicos da peça, que decidem pelo paciente e pela família sem verdadeiramente ouvi-los, contrasta com os princípios do cuidado centrado na pessoa, hoje defendidos como eixo estruturante da boa prática médica.

Observar essa distância histórica, materializada de forma lúdica e acessível pelo teatro, reforçou, do ponto de vista de quem assistia, a importância da escuta ativa e da decisão compartilhada como valores a serem cultivados na futura atuação profissional.

A literatura tem mostrado que estratégias de dramatização em cursos da área da saúde favorecem o desenvolvimento de habilidades de comunicação, a capacidade de trabalho em equipe e o exercício da empatia, tanto entre os estudantes que atuam quanto entre os que assistem⁶. No presente relato, a posição de espectadora não configurou uma vivência passiva, mas sim um modo distinto de implicação com o conteúdo, no qual a observação atenta das interações entre os personagens, mediada pela proximidade afetiva com os colegas atuantes, produziu efeitos reflexivos comparáveis aos descritos por estudantes que participam diretamente da encenação⁴.

Interessa, ainda, estabelecer um paralelo entre a trama de Os Três Médicos e a Política Nacional de Humanização (PNH), o HumanizaSUS, instituída pelo Ministério da Saúde para orientar as práticas de atenção e gestão no Sistema Único de Saúde⁷. Embora escrita mais de um século antes da formulação dessa política pública, a peça antecipa, de forma satírica, o modelo de cuidado que a PNH busca superar: um cuidado centrado na autoridade do profissional, fragmentado pela disputa entre diferentes saberes e desprovido de vínculo, escuta e corresponsabilidade com o usuário. Os personagens Dr. Cautério, Dr. Miléssimo e Dr. Aquoso disputam entre si a prerrogativa de tratar o paciente Marcos sem jamais construir com ele, ou com sua família, uma decisão compartilhada, o que se opõe diretamente aos princípios de autonomia e protagonismo dos sujeitos, corresponsabilidade e participação coletiva que estruturam a PNH⁷. Nesse sentido, a leitura dramatizada evidenciou, pela via da comédia, a persistência histórica de práticas pouco humanizadas em saúde e reforçou, para a plateia de futuros médicos, a atualidade e a necessidade da política de humanização como diretriz para a atenção e a gestão do SUS, especialmente em cenários de atenção primária, nos quais o vínculo entre profissional e usuário é elemento central do cuidado.

O tema deste relato dialoga diretamente com o Eixo 06 do 6º Afya Global Meeting (Cultura, Comunicação e ODS) e correlaciona-se com dois Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas⁸: o ODS 3 (Saúde e Bem-Estar), na medida em que estratégias formativas mais sensíveis e reflexivas tendem a favorecer um cuidado em saúde de maior qualidade e mais atento às necessidades do paciente; e o ODS 4 (Educação de Qualidade), ao evidenciar como práticas pedagógicas inclusivas,

interdisciplinares e baseadas nas artes contribuem para uma formação superior mais crítica, humanizada e alinhada às demandas contemporâneas da educação médica.

CONCLUSÃO

A experiência de assistir à leitura dramatizada da peça *Os Três Médicos*, de Martins Pena, revelou-se uma vivência formativa relevante, ainda que vivida na condição de espectadora. A obra, ao satirizar a rivalidade entre correntes médicas do século XIX, propiciou reflexões atuais sobre paternalismo, corporativismo e a centralidade da escuta na relação entre profissionais de saúde e pacientes. Conclui-se que estratégias pedagógicas baseadas nas artes cênicas, mesmo quando vivenciadas a partir da plateia, contribuem de forma significativa para a formação de médicos mais críticos, sensíveis e comprometidos com um cuidado humanizado, reforçando a relevância de sua permanência nos currículos de Medicina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Engel GL. The need for a new medical model: a challenge for biomedicine. *Science*. 1977;196(4286):129-36.
2. Charon R. Narrative medicine: a model for empathy, reflection, profession, and trust. *JAMA*. 2001;286(15):1897-902.
3. Silva FD da, Suleiman ARMAS, Marchiori MRCT, Dotto FR, Batista AK. A dramatização como metodologia de ensino na disciplina de humanização na prática odontológica. *Rev Bras Educ Saúde*. 2022;12(1):8-12.
4. Negri EC, Mazzo A, Martins JCA, Pereira Junior GA, Almeida RGS, Pedersoli CE. Clinical simulation with dramatization: gains perceived by students and health professionals. *Rev Lat Am Enfermagem*. 2017;25:e2916.
5. Pena LCM. Os três médicos [Internet]. Uberlândia: Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDTeatro), Universidade Federal de Uberlândia; [data desconhecida] [acesso em 20 ago 2026]. Disponível em: <https://www.bdteatro.ufu.br/bitstream/123456789/139/1/TT00183.pdf>
6. Silva SR da, Silveira LG da, Fraga L de P, Gomes OV. The dramatization as a teaching and learning strategy in the student perspective: a report of experience in the medical course. *Rev Med (São Paulo)*. 2019;98(5):324-8.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. HumanizaSUS: política nacional de humanização: documento base para gestores e trabalhadores do SUS [Internet]. 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2004 [acesso em 20 ago 2026]. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizaSUS_politica_nacional_humanizacao.pdf
8. Organização das Nações Unidas. Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável [Internet]. Nações Unidas Brasil; 2015 [acesso em 20 ago 2026]. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>